

1. A Gaivota (1992)

O rosto foi uma desilusão.

A primeira vez que o viu, pensou: Que feio é. Tem as sobrelhas demasiado grossas, os lábios contraídos dos doentes terminais, uma expressão de apatia emocional. Como aquelas pessoas que só choram nos filmes, incapazes de sentir afecto na vida real. E então riu-se sozinha. O que era isso da vida real? Em que dimensão entrávamos a ver um filme ou a ler um livro? Um lugar de distração, de fuga?

O único lugar onde existe consolo.

Reparou, reflectido no vidro do outro lado da carruagem — o vidro que a forçava a reconstruir a sua própria figura esguia nos contornos desbotados —, que, do seu lado direito, separado por um lugar, um rapaz adolescente a observava pelo canto do olho. Provavelmente, a timidez obrigava-o a fingir que nada daquilo sucedia; que os seus olhos não fugiam, uma e outra vez, para o rosto liso da rapariga, para a boca suavemente pintada com um batom escuro, a boca de quem esconde uma fragilidade que a faz chorar quando o cair da noite a encontra desprevenida. Mas ela não deu troco ao miúdo. Em vez disso, continuou a olhar para a fotografia no jornal. A desilusão transformara-se numa ligeira náusea: é sempre terrível quando

aqueles que admiramos nos provocam, afinal, uma espécie de repulsa.

Guardou o jornal na mochila e, antes de sair na estação da universidade, fez questão que a aba do seu casaco, impregnada de perfume, roçasse nas pernas do rapaz, que fazia muita força para não a olhar, lutando contra o desejo.

Passou a aula de Estudos Ingleses a riscar a fotografia do escritor com um lápis. Fez-lhe um bigode, depois desenhou-lhe uns cornos. Acabou por desenhar um balão a sair-lhe da boca, como na banda desenhada, no interior do qual se lia: «Sou um merdas.» Desejava que ele fosse perverso, infeliz; que se deitasse com homens por dinheiro, ou então que frequentasse os *bas-fonds* mais decrépitos. Incapaz de compreender como aquele rosto podia ter escrito *A História do Silêncio*, acabou por esconder a página do jornal dentro do livro, que guardou debaixo do compêndio de Linguística Inglesa. Sentiu-se irritada, apeteceu-lhe gritar muito alto e interromper a aula chatíssima daquele professor insuportável, que caminhava sobre o palco do anfiteatro de um lado para o outro com a regularidade de um pêndulo. Atrás de si, um colega ressonava; na fila da frente, uma colega gótica pintava as unhas, o verniz preto escondido dentro da mala pousada num assento vazio. Cheirava a suor e a uma mistura enjoativa de perfumes. Era demasiado cedo para Chomsky, Teoria da Cultura e Pinker, uma aula daquelas suicidava-se naquele horário, e não admirava que os estudantes desfalecessem nas cadeiras e copiassem nas frequências.

A seguir à aula, foi ao gabinete do orientador de tese. Era um homem fininho, de voz trémula, que cheirava a água-de-colónia

e a roupa por lavar. Ela tinha a certeza, porém, que o professor Gusmão era boa pessoa; que a olhava quase sem desejo, isento de pensamentos porcos. O gabinete era monótono. Havia um atlas nas prateleiras, dezenas de dicionários, Shakespeare, Chaucer. E ela ali, como se tivesse aterrado de um planeta diferente, onde havia cor e movimento, onde os humanos ainda não haviam adormecido à sombra do classicismo, da tradição.

Sente-se, disse Gusmão. E repetiu: Sente-se.

Gusmão repetia as palavras. Era um dos tiques que a idade trazia, como esfregar o rabo ou assoar-se ruidosamente em público.

Como quer que eu a trate? Só Beatriz?

Sim, Só-Beatriz, concordou ela.

O homem pôs-se de pé, enfiou as mãos nos bolsos das calças axadrezadas. Ela sentou-se num dos sofás. Tinha o compêndio de linguística no colo. O sofá estava quente, ter-se-ia alguém sentado ali antes dela? Ou teria Gusmão dormitado no sofá durante o período matinal?

É a Beatriz da tradução...

Sim, sou eu, respondeu ela. Joyce, e isso tudo.

Ah!, exclamou ele, erguendo o indicador. Levou-o aos lábios, indicando uma pausa exagerada de pensamento.

É um projecto muito ambicioso.

Gusmão deu meia-volta e foi abrir a janela. *Vai saltar*, pensou ela. Mas abriu-a um palmo e deixou-a ficar assim. Uma brisa invadiu o gabinete e foi pousar, gelada e cruel, na superfície do seu rosto.

É o meu projecto, insistiu ela.

Já começou?